

GÊNEROS ACADÊMICOS: O CASO DOS TEXTOS ORAIS PRODUZIDOS NA UNIVERSIDADE

Ana Paula Oliveira Soares (UFPE)

ana_soares1234@hotmail.com

Introdução

É através da língua (falada ou escrita) que o ser humano interage com o outro e realiza as mais diversas tarefas comunicativas, seja para trabalhar, estudar, pertencer a grupos, etc. E ele o faz por meios dos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade. Na vida universitária essa questão não é diferente, é através do uso de gêneros pertinentes ao domínio discursivo da comunidade acadêmica que os estudantes conseguem êxito profissional e isso se dá pela utilização e produção de diferentes gêneros textuais.

Diante disso nos últimos anos, os estudos a cerca do uso da linguagem têm suscitado curiosidades e indagações. Quanto mais se sabe sobre o uso das modalidades oral e escrita da língua, mais se percebe a necessidade de investigar como elas ocorrem e por que ocorrem de um modo e não de outro. Atualmente a observação da produção acadêmica dos universitários é objeto de vários estudos, em que os pesquisadores tentam mostrar como os graduandos adquirem os letramentos acadêmicos durante a graduação. É notável o número de trabalhos realizados na tentativa de descrever e explicar os diferentes gêneros textuais escritos que os universitários produzem ao longo de sua formação, mas é visível também a pouca literatura sobre as práticas de oralidade nesse espaço. Essa temática compõe um vasto campo de estudo, aberto a diferentes pesquisas sob vários aspectos.

Nessa perspectiva, nosso trabalho atenta para os gêneros orais produzidos na universidade, com objetivo principal identificar quais os gêneros textuais orais mais solicitados por professores durante a vida acadêmica dos graduandos, para, então, apresentar as características desses gêneros observando se os alunos são orientados ou não sobre sua constituição e realização. Para atingir os objetivos da pesquisa utilizamos a seguinte metodologia: foi realizada uma pesquisa de campo com a aplicação de dois questionários, um destinado aos professores do curso de Letras da UPE e outro destinado aos alunos do 7º e 8º períodos do curso de letras, também da UPE, em seguida analisamos os dados e fizemos a pesquisa bibliográfica para tentar explicar a constituição dos gêneros orais mais recorrentes.

O presente artigo está assim organizado: primeiro faremos algumas reflexões sobre os gêneros textuais e as modalidades oral e escrita da língua, em seguida falaremos brevemente sobre os gêneros textuais como objeto de ensino, depois apresentaremos os resultados da pesquisa e as características dos gêneros orais mais recorrentes, e por fim faremos algumas considerações finais.

1. Gêneros Textuais

Nos últimos anos o estudo sobre gêneros entrou decisivamente na universidade e é objeto de estudo de professores e alunos de linguística e áreas afins. O motivo para tanta preocupação é o que nos revelam as pesquisas: os gêneros refletem a organização da sociedade, é através deles que ela se organiza, é por meio dos diversos gêneros textuais existentes que as pessoas interagem e realizam as mais diferentes tarefas comunicativas. Não se produz textos a não ser em algum gênero, portanto os textos se apresentam na forma de gêneros.

Partiremos da noção de gênero proposta por Bakhtin (1997), quando diz que “os gêneros apresentam uma estabilidade apenas relativa” (p. 293) e que “há gêneros mais padronizados e estereotipados” e “gêneros mais maleáveis” (p. 301), de forma que para utilizá-los é preciso conhecê-los bem. Com isso se afirma a relevância que o estudo e o ensino de gêneros têm para a sociedade, é preciso conhecer bem os gêneros textuais para poder usá-los eficazmente.

Ao falar de uma estabilidade apenas relativa Bakhtin chama a atenção para o fato de não ser o gênero algo estático, pronto e acabado. Sendo os gêneros usados numa sociedade que passa por constantes mudanças eles estão suscetíveis a essas mudanças também. Portanto o estudo e ensino de gêneros não devem e não podem preocupar-se apenas com aspectos formais do gênero.

Os gêneros representam a comunicação na sociedade e estudá-los é perceber como ela está organizada. Assim tomamos a teoria de Bazerman (apud BEZERRA, 2006, p. 55):

Os gêneros são formas de vida, modos de ser. Eles são enquadres para a ação social. São ambientes para a aprendizagem [...] Os gêneros são os lugares familiares a que recorremos para realizar uma ação comunicativa inteligível e as placas de sinalização que usamos para explorar um ambiente desconhecido.

Adotamos também a definição proposta por Miller (2009) em que ela enfatiza o caráter social do gênero, dizendo ser ele uma entidade instável, que “transforma-se, desenvolve-se e decai [de forma que] o número de gêneros existentes em uma sociedade é indeterminado e depende da complexidade e diversidade daquela sociedade” (p. 36). Como se pode observar através dessa definição, os gêneros textuais estão diretamente ligados às características da sociedade, já que é nela que eles nascem, modificam-se e/ou desaparecem, tendo em vista que surgem diariamente situações comunicativas e interacionais que precisam de novas soluções ou maneiras novas para serem realizadas. É a partir daí que os novos gêneros surgem e se instalam na vida das pessoas, modificando-se de acordo com as necessidades de quem os usa bem como com as tecnologias que surgem.

Desse modo os trabalhos sobre gêneros não terão um fim, quanto mais se souber sobre a organização, produção e recepção de gêneros, mais veremos a necessidade de pesquisar sobre eles. Se é bem verdade que os gêneros mudam e dependem da complexidade e diversidade da sociedade, então sempre teremos coisas a investigar e descobrir.

2. Oralidade e Escrita

Os estudos sobre oralidade, e principalmente sobre gêneros orais não se encontram bem definidos, e por isso, os conceitos estão ainda sendo formados e os autores fazem sempre comparações entre fala e escrita, mostrando que essas duas modalidades da língua variam e uma não é mais importante que a outra.

Partiremos do conceito de oralidade proposto por Marcuschi (2005). Para ele “oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização simples a mais formal nos mais variados contextos de uso” (p.25). Os gêneros textuais orais, assim como os escritos, têm uma constituição e organização e

estas precisam ser estudadas para serem compreendidas e bem realizadas pelos falantes de uma língua.

Muitos autores já se ocuparam em explicar a importância e realização dos gêneros orais e as relações entre fala e escrita. Dentre eles temos Marcuschi (2005), que contribui para entendermos essa relação. O autor aborda os usos e a relevância que a oralidade tem nas sociedades, e afirma que “sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve” (MARCUSCHI, 2005, p. 17). Porém Marcuschi (2005) deixa claro que isso não torna a fala superior à escrita e lembra que “os usos da escrita, no entanto, quando arraigados numa dada sociedade, impõem-se com uma violência inusitada e adquirem um valor social até superior à oralidade” (p. 17). O autor defende que fala e escrita ocorrem num contínuo, e apesar de terem características diferentes elas não são dicotômicas, ambas são modalidades da língua.

Sendo o Brasil um país de cultura predominantemente escrita, logo percebemos porque a oralidade foi “esquecida” durante muito tempo. Nossa cultura privilegia os usos da escrita e, por conseguinte os gêneros escritos recebem maior atenção. Mas com as novas perspectivas de texto, gênero, discurso, suas condições de produção e realização, a fala, tida antes como lugar da desorganização e espontaneidade, passa agora a ser vista como planejada e organizada segundo critérios que favorecem a interação e compreensão do que é dito e há a consciência de que as práticas de oralidade precisam ser estudadas.

Ainda de acordo com Marcuschi (2008), expõe uma visão antidicotômica entre fala e escrita. Não podemos tratar fala e escrita como eventos opostos situados em sistemas diversos. Ao que parece as diferenças percebidas são muito mais relacionadas às diferenças estruturais da fala e da escrita.

De grande contribuição são as ideias de Schneuwly (apud ROJO e SCHNEUWLY, 2006, p. 467), para compreendermos a relação de continuidade entre os gêneros orais e escritos, vejamos:

[...] A relação entre gêneros orais e gêneros escritos não é uma relação de dicotomia. É antes uma relação de continuidade e de efeito mútuo, isto é, gêneros orais podem sustentar gêneros escritos; gêneros escritos podem sustentar gêneros orais. Eles estão em mútua interdependência, cada gênero oral que entra na escola, em geral, pressupõe a escrita, assim como cada gênero escrito trabalhado na escola pressupõe o oral.

Diante dessa afirmação, observamos que hoje é muito difícil (ou até mesmo impossível) estabelecer uma separação, marcar um limite entre fala e escrita e podemos ilustrar o que disse Schneuwly com o gênero conferência, identificado como gênero oral. Antes de sua realização o conferencista se apoia em textos escritos para fundamentar suas ideias e no momento da realização da conferência utiliza-se de um texto escrito impresso ou apresentado no Power Point (preparados previamente), depois essa conferência pode ser publicada em livros ou anais de eventos na forma de artigo científico.

Além disso, segundo Marcuschi (2008) existem mesclagens de gêneros na relação fala-escrita, em que um gênero que tem a sua concepção (produção original) escrita pode ser recepcionado por meio da oralidade e vice-versa.

Um ponto interessante na realização dos gêneros orais são os elementos não-linguísticos que fazem parte de sua constituição. Marcuschi nos revela isso quando define a fala, afirmando ser ela a

[...] produção textual discursiva ... que se caracteriza pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica (MARCUSCHI, 2005, p.25)

Se ao falar usamos recursos expressivos, então, esses recursos fazem parte da elaboração dos gêneros orais. Com isso afirmamos que a fala não se realiza apenas na realidade sonora, dela fazem parte fatores linguísticos e extralinguísticos que juntos constituem os diversos gêneros existentes.

3. Gêneros na Escola/Universidade

Tentaremos mostrar, nesse curto espaço, o quanto é importante que a escola/universidade dê atenção especial aos gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos, durante a formação dos alunos, para que estes possam ser cada vez mais críticos e conscientes em suas atividades de leitura, escrita e oralidade.

“É através dos diferentes Discursos, que estão presentes nas instâncias sociais, que nos identificamos e somos aceitos ou rechaçados pelos diferentes grupos que compõem a sociedade” (OLIVEIRA, 2009. p.7). E é por isso que o estudante precisa dominar bem os gêneros textuais na universidade, sejam eles orais ou escritos, do contrário não terá muito sucesso na vida acadêmica, tendo em vista que não será reconhecido, através de suas atividades discursivas, nesse grupo social (domínio discursivo).

Fischer (2010) ao citar as ideias de Rojo (2001), diz que esta afirma que “... por meio dos gêneros discursivos, adotados como objeto de ensino, abrem-se portas para a escola/universidade melhor prosseguir na formação de cidadãos capazes de interagirem criticamente com os discursos alheios e com os próprios discursos” (p.219). Então, cabe aos professores, durante a formação dos acadêmicos, subsidiar os alunos para que estes adquiram os letramentos necessários à vida científica.

O domínio de atividades discursivas em práticas sociais distintas confere aos alunos um melhor desempenho tanto na vida escolar quanto fora da escola, e a escola é responsável por levar os alunos a utilizar a linguagem, em contextos diversos, de maneira a serem compreendidos. Então, é ela que precisa dar conta das questões referentes aos diversos gêneros pertencentes aos domínios discursivos dos quais o aluno faz parte. E em se tratando da universidade, é nela que os alunos devem aprender a produzir e dominar os gêneros textuais que fazem parte do meio acadêmico.

De acordo com Lopes-Rossi, os pesquisadores do Grupo de Genebra, consideram que “um dos méritos do trabalho pedagógico com gêneros discursivos ... é o fato de proporcionar o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual como uma consequência do domínio do funcionamento da linguagem” (LOPES-ROSSI, 2011, p. 70). À medida que o aluno domina os gêneros discursivos, ele adquire habilidades de lidar com a linguagem nos diferentes eventos de letramento.

4. O que as Respostas Obtidas com os Questionários nos Revelam?

Ao todo quarenta e três alunos e oito professores responderam aos questionários. Os alunos foram indagados sobre que gêneros orais produziram durante a vida acadêmica, se sentiam satisfeitos ou não ao realizarem tais gêneros e se os professores apresentavam as características e especificidades dos gêneros quando os solicitavam. Quanto aos professores, perguntamos a esses se eles solicitam aos alunos a realização de gêneros orais e quais seriam esses gêneros, se ficam satisfeitos ou não com as produções orais dos alunos e por último se explicam as características dos gêneros orais quando os solicitam.

Apresentaremos primeiro os resultados dos questionários respondidos pelos alunos, em seguida mostraremos as respostas e reflexões dos professores.

4.1. O que dizem os alunos sobre a produção dos gêneros orais na universidade?

Dos 43 alunos apenas um respondeu que nunca realizou nenhum gênero oral durante a graduação, os demais afirmaram já ter realizado pelo menos dois dos cinco gêneros apresentados no questionário. O seminário (100% dos alunos já realizaram esse gênero) é, segundo os alunos, o gênero oral mais realizado durante a vida acadêmica. Todos os alunos que afirmaram já ter realizado algum gênero oral disseram já ter feito seminários. O segundo gênero mais produzido é o debate (98% dos alunos já realizaram esse gênero), seguido da exposição oral (76 % dos alunos já realizaram esse gênero).

Perguntamos aos graduandos se eles ficavam satisfeitos com a realização dos gêneros orais solicitados, se as expectativas eram atingidas, 69 % dos alunos disseram que ficam satisfeitos, 24% afirmaram que não ficam satisfeitos e 7 % que às vezes ficam satisfeitos e outras vezes não.

A maioria dos alunos fica satisfeita com a realização dos gêneros orais, mas um número significativo de alunos afirma que os resultados não são bons, as expectativas não são atingidas. Considerando que havia um espaço para que os alunos justificassem suas respostas, vamos agora expor o que eles disseram. Os alunos afirmaram que ficam satisfeitos porque nesse tipo de atividade: há uma maior interação entre os alunos, os conteúdos abordados são bem compreendidos, os alunos se esforçam e mostram bom desempenho, há oportunidade de desenvolver o pensamento crítico e expressar os conhecimentos, são apresentadas perspectivas diferentes sobre o mesmo assunto, desenvolve-se o domínio da oralidade e a confiança pessoal e em geral os conteúdos apresentados são relevantes para a aprendizagem.

Por outro lado, os alunos que não ficam satisfeitos com a realização dos gêneros orais afirmam que essas atividades não são bem realizadas e os motivos para isso são: falta do hábito de apresentar trabalhos; falta de preparação individual; nervosismo; insegurança em relação aos conteúdos dos textos acadêmicos; insegurança por não haver preparação (orientação) do professor sobre os gêneros orais; falta de aptidão para realizar discursos no meio acadêmico, para pessoas com maior nível de formação e até do mesmo nível; conteúdos abordados inadequadamente; pouco estudo sobre o assunto; desconhecimento dos gêneros orais e de sua relevância e dificuldades na oralidade (para se expressar em público).

Perguntamos também se, ao solicitarem a produção de gêneros orais, os professores apresentam o gênero mostrando suas características e especificidades. A

maioria dos alunos (57%) respondeu que os professores explicam os gêneros, mas um número relevante (43%) afirma que não recebe orientações quando é solicitado a produzir gêneros orais na universidade.

4.2. O que Dizem os Professores Sobre a Produção dos Gêneros Orais na Universidade?

Dos 8 professores que responderam ao questionário, apenas um afirmou que não solicita a realização de gêneros orais durante suas aulas na graduação, os demais responderam que solicitam. O gráfico abaixo mostra quais são os gêneros que os professores solicitam, bem como quais os mais solicitados.

Há gêneros que os alunos afirmaram ter realizado, mas que os professores disseram não solicitar, é o caso do gênero mesa redonda e palestra. E há um gênero que não se encontrava no questionário e aparece na resposta do professor (havia no questionário um espaço para colocar outros gêneros), porém nenhum aluno afirmou ter realizado-o, trata-se do gênero apresentação de banner. Os gêneros que os professores mais solicitam são: exposição oral (86%), debate (86%) e seminário (71%).

Perguntamos aos professores se eles sentem-se satisfeitos com as produções dos gêneros orais dos alunos de graduação e também pedimos que eles justificassem suas respostas. A maioria (42%) diz não ficar satisfeita, alguns afirmam que nem sempre ficam satisfeitos (29%) e outros ficam sempre satisfeitos (29%).

Os professores apontaram as seguintes causas de satisfação: há um bom embasamento teórico nas apresentações; os estudantes vão se aprimorando durante a formação e conseguem superar as dificuldades que geralmente têm no início do curso e os estudantes dedicam-se bastante nesses tipos de trabalho.

Por outro lado aqueles que alegaram não ficar satisfeitos com as realizações dos gêneros orais dizem que em tais atividades: falta habilidade para falar em público, motivada talvez pela ausência de treino; os alunos queixam-se por não sentirem-se seguros para falar em público; há exposições memorizadas e desinteressantes, em que o aluno apenas lê as informações; alguns alunos mostram não dominarem bem a leitura e interpretação de texto (defasagens provenientes do ensino fundamental e médio); falta melhor preparação teórica e maior dedicação dos alunos.

Quando indagamos aos professores se eles explicam os gêneros orais que solicitam, mostrando suas características e especificidades, obtivemos o seguinte resultado: todos os professores asseguraram que explicam esses gêneros. Há uma divergência entre o que os alunos dizem e o que os professores afirmam (discutiremos isso nas considerações finais).

Havia ainda, no questionário, um espaço para os professores escreverem comentários (opcionais). Foram poucos os que comentaram e suas reflexões foram as seguintes: é necessário criar oportunidades para que os graduandos desenvolvam habilidades da fala e da escrita; talvez fosse necessário desvincular as apresentações orais do processo de avaliação, essas atividades passariam a ser um treino sem pressões avaliativas e assim, talvez, os alunos passariam a ter uma nova relação com os gêneros orais, mas, por outro lado, os alunos tem motivação para estudar na nota que irão receber; um fator central para a realização dos gêneros é o conhecimento sobre o assunto apresentado.

Podemos dizer segundo os dados colhidos que os gêneros orais mais solicitados e realizados na universidade são: seminário, debate e exposição oral. Tentaremos descrever e explicar esses gêneros no próximo capítulo.

5. Gêneros Oraais: um Estudo sobre Características e Especificidades

Tentaremos mostrar as características e especificidades dos três gêneros mais solicitados e realizados no meio acadêmico (segundo essa pesquisa): o seminário, o debate e a exposição oral. Para tanto basearemos-nos no que dizem os manuais de metodologia científica, os artigos de pesquisa e os livros. É interessante dizer que não há muitos trabalhos publicados sobre esses gêneros, mas temos visto alguns avanços na área, principalmente nos últimos anos em que o estudo dos gêneros acadêmicos têm tido destaque.

5.1. O gênero Seminário

Segundo Severino (2008), o seminário é “um método de estudo e atividade didática específica de cursos universitários” (p. 90) e seu objetivo principal “é levar todos os participantes a uma reflexão aprofundada de determinado problema, a partir de textos e em equipe” (idem, p. 89). Este autor explica que para atingir tal objetivo o seminário deve conduzir os alunos a uma relação íntima com o texto que lhe servirá de base, é preciso que ele o conheça bem para, então, fazer um julgamento crítico do mesmo.

A partir daí os participantes do grupo teriam que se reunir, discutir sobre a(s) temática(s) do texto, analisar a teoria proposta nele, enfim, fazer uma análise do texto a partir da compreensão que tiveram dele. Ao falar de seminário Severino supõe que cada grupo tem um coordenador que seria responsável por organizar os materiais tanto para a preparação quanto para a realização do seminário. Ele afirma ainda que existem outras maneiras de conduzir o seminário, por exemplo, usando um texto roteiro interpretativo. Este texto roteiro seria o resultado da interpretação do texto base, que nesse caso seria feito pelo coordenador.

Vejamos agora outra definição de seminário proposta por Guedes (1997), que o encaixa dentro do estudo em grupo em um capítulo intitulado Da mente à mente. Seria o seminário “uma atividade didática desenvolvida em sala de aula, sob orientação de um professor” (GUEDES, 1997, p. 150). Segundo ele o seminário é de iniciativa do professor e é uma prática muito recorrente em sala de aula, isso se deve à “integração que o estudo em grupo propicia. O seminário junta as pessoas, integrando-as como membros de um grupo que debate, organiza, apresenta, enfim, estuda um determinado conteúdo de matéria ou tema” (p.150). Observamos aqui, que é colocada a presença do debate no seminário.

O autor, citado acima, mostra que para a realização de um seminário precisa existir um ou mais temas, sugeridos pelo professor e que este deve disponibilizar o material bibliográfico para que os alunos realizem suas leituras e depois exponham os resultados. Primeiro deve haver a apresentação dos temas, seguida da divisão dos grupos, depois os alunos planejam os trabalhos (pode-se escolher um coordenador), fazem a análise do tema, o desmembramento do trabalho individual de pesquisa e leitura trabalhada, a discussão do tema, preparação do relatório e preparação da apresentação.

Guedes (1997) defende que “o forte do seminário ... é sempre a discussão. É através da discussão que os alunos amadurecem a compreensão do tema, que se expõem às críticas, que criticam os seus companheiros” (p.151). Ele sugere ainda que após a realização do seminário deve-se preparar um trabalho escrito e que a forma de apresentação do tema deve ficar a critério do grupo.

Nas perspectivas apresentadas acima não temos a noção de seminário enquanto gênero textual, mas as definições e sugestões nos ajudam a pensar em como esse tipo de trabalho é visto e como os alunos são orientados para realizá-lo.

Na abordagem de gênero poderíamos classificar o seminário como um gênero oral formal que não ocorre apenas na universidade ou escola, mas é talvez nesses espaços que tenha uma maior recorrência. Podemos afirmar também que o seminário não se realiza apenas na oralidade, pois há como vimos acima a necessidade de se estudar sobre aquilo que vai ser apresentado e este estudo se dá com textos escritos. A produção de gêneros orais requer um “diálogo” muito forte com gêneros escritos.

Outro fator relevante é a hibridização, que ao que parece está muito presente nos gêneros orais. Os dois autores citados anteriormente põem o gênero debate dentro do gênero seminário, em que num determinado momento da realização deste último o primeiro aparece. O seminário seria a apresentação do assunto ao passo que o debate seria a discussão do assunto que foi apresentado, ou de como foi apresentado.

6.2. O Gênero Exposição Oral

Há autores que afirmam que a exposição oral é sinônimo de seminário, ou seja, que trata-se do mesmo gênero. Um desses autores é Costa (2008), para quem a exposição oral ou seminário é um

Discurso em que se desenvolve um assunto (conteúdo referencial), ou transmitindo-se informações, ou descrevendo-se ou, ainda, explicando-se algum conteúdo a um auditório de maneira bem estruturada. Trata-se de um gênero público pelo qual um expositor especialista faz uma comunicação a um auditório que se dispõe a ouvir e aprender alguma coisa sobre o tema desenvolvido (p. 97).

Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004) também corroboram dessa teoria, uma vez que para eles a exposição oral é a mesma coisa que o seminário. A exposição oral é muito praticada no espaço escolar, mas não é feito um trabalho didático e não há estratégias de intervenção para melhorar o desempenho dos alunos. Esses autores afirmam que “para a audiência, mas também e sobretudo para aquele(a) que a prepara apresenta, a exposição fornece um *instrumento* para aprender conteúdos diversificados, mas estruturados graças ao enquadramento viabilizado pelo gênero textual” (idem, p.216).

Segundo os autores citados no parágrafo anterior, quem realiza a exposição exerce a função de especialista do assunto e o sucesso dessa atividade depende exatamente da tomada de consciência desse papel de especialista. É necessário que o expositor faça um planejamento para realizar a exposição, levando em conta o público a que se destina. Para isso ele deve ordenar a exposição em partes. Essas partes seriam: “a) *Uma fase de abertura ...* b) *Uma fase de introdução ao tema ...* c) *A apresentação do plano da exposição ...* d) *O desenvolvimento e encadeamento dos diferentes temas ...* e) *Uma fase de recapitulação e síntese ...* f) *A conclusão ...* g) *O encerramento*” (idem, p.220). (Grifos do autor).

Dolz et al. (2004), também apresentam as características linguísticas do gênero que seriam: “Coesão temática ... Sinalização do texto [ideias principais e secundárias] ... Introdução de exemplos ... [e] Reformulações” (p.222).

Tomemos agora a definição de exposição oral segundo Dolz et al.(2004, p. 218): “[é] um gênero textual público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira estruturada, para lhe transmitir informações, descrever-lhe ou lhe explicar alguma coisa”. Esta definição não parece tão próxima das que apresentamos sobre o seminário. Este é sempre apontado como a realização de uma atividade em grupo enquanto aquele apresenta-se como uma atividade individual, por isso não tomamos seminário e exposição como sinônimos. Com tudo, não estamos dizendo que são gêneros opostos ou distantes, eles possuem vários pontos em comum, mas têm especificidades próprias.

Apresentaremos agora outro estudo sobre aspectos da oralidade que se aproximam muito do que se entende por exposição oral. De acordo com Boaventura (2004. p.7) “a arte de bem exprimir o pensamento consiste em saber ordenar as ideias. Ordem que dá clareza a toda comunicação”. E para que haja ordenação das ideias é preciso fazer uma previsão do que se vai expor. Este autor não trata, em seu livro, sobre os gêneros textuais orais especificadamente, mas apresenta reflexões interessantes sobre como ordenar as ideias para então expô-las ao público. Como ele fala muito em expor, apresentar, comunicar, etc. colocaremos suas discussões para melhor explicar o gênero exposição oral.

Boaventura (2004) defende que antes de comunicarmos algo precisamos formular um plano, pois ele ordena as ideias e traz clareza à exposição. Primeiro pensamos e só depois expressamos o que está em nossa mente. “Elaborar o plano é ter a exposição mentalmente pronta ... é simplesmente prevê o que será comunicado” (BOAVENTURA, 2004. p. 9).

Ainda segundo Boaventura existem passos para organizar aquilo que se vai expor. Primeiro deve-se anunciar o tema: fornecer a ideia geral, situá-lo na história, motivar a participação (escuta), dar as ideias que serão apresentadas; em seguida deve-se desenvolver o assunto por partes e por último deve-se resumir o assunto e encerrar o trabalho.

Encontramos ainda outra definição de exposição oral presente num Guia do Professor de Língua Portuguesa (1991, p. 89) em que “a exposição – palestra pode revestir a forma de leitura de um texto perante um público ou de uma improvisação apoiada em referências escritas”. A exposição é tida como sinônimo de palestra, mas o que chama a atenção nessa definição é o fato de que a leitura (em voz alta) de um texto seria uma exposição oral. Nenhum outro autor apresentado neste trabalho mostra visão parecida com esta.

A exposição oral pode ter, de acordo com esse guia, objetivos como: informar; preparar uma reflexão; preparar uma discussão. Há, de acordo com os autores do guia, três fases da exposição: a primeira corresponde ao que a antecede, a segunda ao durante e a terceira ao depois.

Diante das abordagens expostas percebemos que a exposição oral se distingue do seminário por este fazer parte de uma atividade desenvolvida em grupo, em que os participantes discutem as ideias que serão apresentadas e elaboram um trabalho em

equipe. A exposição oral é planejada e realizada por um especialista que só discutirá o tema com os colegas no dia da realização e se houver a participação do público ouvinte.

5.3. O Gênero Debate

Segundo Dolz, Schneuwly e Pietro (2004) há várias formas de debate e diante dos diferentes tipos de debates surgiu em nós uma inquietação e uma dúvida: qual será a forma (tipo) de debate que os graduandos realizam na vida universitária? Não sabemos ao certo, mas talvez os professores e alunos que fizeram parte de nossa pesquisa entendam como debate as discussões diárias realizadas nas aulas quando o professor ou os alunos falam sobre um tema, em que todos colaboram dizendo o que pensam sobre as teorias e reflexões apresentadas.

Na literatura não encontramos outros trabalhos que pudessem nos ajudar a compreender melhor esse gênero textual. Concordamos com Dolz, Schneuwly e Pietro (2004) quando eles dizem que “qualquer que seja sua forma, o debate nos parecia ser um lugar de construção interativa – de opiniões, de conhecimentos, de ações, de si ...” (p. 251).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto até aqui podemos afirmar que a pesquisa com gêneros orais apresenta muitas lacunas. Falta uma teoria sobre os gêneros orais e mais ainda sobre os gêneros orais acadêmicos.

Percebemos, diante das respostas obtidas com a aplicação dos questionários que não é possível, ao certo, afirmar muita coisa, e isso porque há divergência entre o que alunos e professores dizem a respeito dos gêneros na universidade. Um exemplo disso, é que todos os professores afirmaram explicar os gêneros orais ao solicitá-los, mas mais de 40% dos alunos disseram que eles não explicam. A questão aqui não é apenas saber quem está falando a “verdade”, vai muito além. Precisamos saber se essas explicações que os professores dizem dar, são suficientes e correspondem a uma noção sobre os gêneros orais. Pensamos que essa questão só será esclarecida mediante uma pesquisa de campo de observação das aulas.

Ficou evidente também que há uma confusão na nomeação dos gêneros. Isso foi percebido quando os alunos respondiam ao questionário. Muitos perguntavam aos colegas se o que tinham feito era um seminário ou exposição oral ou comunicação oral. Grande parte dos alunos marcou todos os gêneros que estavam expostos no questionário, ao que parece alguns desses gêneros seriam a mesma coisa. Na literatura também há essa confusão quanto à nomeação dos gêneros e não raro encontramos um gênero como sinônimo de outro.

Não podemos assegurar, mas supomos que o professor explica como devem ser os trabalhos em geral (qual o tempo para realização, quantidade de membros do grupo e autores em quem devem se basear), sem falar das características do gênero, de sua importância, do público a que se destina, do meio de circulação, etc.

Além disso, sentimos muita dificuldade em caracterizar os gêneros orais a partir da literatura existente sobre o assunto, e essa deve ser também uma dificuldade enfrentada por muitos professores ao lidar com os gêneros orais na sala de aula.

Outra questão que merece nossa atenção, por sua enorme relevância, é a forte relação entre os gêneros orais e escritos no meio acadêmico, em que, de acordo com a literatura existente, todos os gêneros estudados nessa pesquisa, se apoiam na escrita para serem realizados. Isso confirma que a produção dos gêneros orais faz parte dos processos de letramentos acadêmicos vivenciados pelos graduandos.

É interessante pontuar que há vários estudos sobre gêneros orais, porém grande parte não aborda os gêneros em si, tratam apenas de estratégias de como o professor pode trabalhar o gênero na aula. Mas como é possível ensinarmos um gênero que não conhecemos bem? Isso não nos parece possível e parafraseando Bakhtin diríamos que é preciso conhecer bem um gênero para poder dominá-lo.

Por tudo que constatamos, podemos afirmar, ao fim da pesquisa, que para apresentar características e especificidades dos gêneros orais acadêmicos (ou em qualquer outro ambiente) é necessário a observação direta da produção desses gêneros. Precisamos ver e entender como cada um deles se realiza para depois descrevê-los e explicá-los sem correremos o risco de criar uma teoria fictícia sobre como devem ser os gêneros e não como de fato eles se apresentam.

Referências

BAKHTIN, M. M. ([1953] 1997). Os gêneros do discurso. In: ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. p. 279-326.

BEZERRA, Benedito G. GÊNEROS INTRODUTÓRIOS EM LIVROS ACADÊMICOS. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

BOAVENTURA, Edivaldo. COMO ORDENAR AS IDÉIAS. São Paulo: Ática, 2004.

COSTA, S.R. DICIONÁRIO DE GÊNEROS TEXTUAIS. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FISCHER, Adriana. Sentidos situados em eventos de letramento na esfera acadêmica. In: EDUCAÇÃO, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 215-228, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacao>> Acesso: out. de 2011.

GOMES, Aldónio; CAVACAS, Fernanda; MARTINS, Maria A.; RIBEIRO, Maria A.; FERREIRA, Maria J.; GRILO, Maria J. A comunicação oral. In: GUIA DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA. I vol. 3º Nível. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991. p. 79-100.

GUEDES, Enildo Marinho. CURSO DE METODOLOGIA CIENTÍFICA. Curitiba: HD Livros Editora, 1997.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros Discursivos no Ensino de Leitura e Produção de Textos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). GÊNEROS TEXTUAIS: REFLEXÕES E ENSINO. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 69-82.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (org.). INVESTIGANDO A RELAÇÃO

ORAL/ESCRITO E AS TEORIAS DO LETRAMENTO. São Paulo: Mercado de Letras, 2001. p. 23-50.

_____. DA FALA PARA A ESCRITA: Atividades de Retextualização. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. PRODUÇÃO TEXTUAL, ANÁLISE DE GÊNEROS E COMPREENSÃO. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Eliane Feitoza. Letramento Acadêmico: principais abordagens sobre a escrita dos alunos no ensino superior. ANAIS DO II ENCONTRO MEMORIAL DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS: Nossas Letras na História da Educação. Ouro Preto, 2009. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1113.pdf>> Acesso: out. de 2011.

PRETI, Dino. ESTUDOS DE LÍNGUA ORAL E ESCRITA. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ROJO, Roxane. Letramento Escolar, Oralidade e Escrita em Sala de Aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, Inês (org.) INVESTIGANDO A RELAÇÃO ORAL/ESCRITO E AS TEORIAS DO LETRAMENTO. São Paulo: Mercado de Letras, 2001. p. 51-74.

_____; SCHNEUWLY, Bernard. AS RELAÇÕES ORAL/ESCRITA NOS GÊNEROS ORAIS FORMAIS E PÚBLICOS: O CASO DA CONFERÊNCIA ACADÊMICA. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 463-493, set./dez. 2006. Disponível em: <[http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/8%20art%206%20\(rojo\).pdf](http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/8%20art%206%20(rojo).pdf)> Acesso em: janeiro de 2012.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS NA ESCOLA. Trad. e org.: R Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

_____; _____. PIETRO, Jean-François de. Relato da Elaboração de uma Sequência: O debate público. In: GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS NA ESCOLA. Trad. e org.: R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 247-278.

_____; _____. ZAHND, Gabrielle. A exposição Oral. In: GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS NA ESCOLA. Trad. e org.: R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 215-246.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O Trabalho Acadêmico: orientações gerais para o estudo na universidade. In: SEVERINO, Antônio Joaquim. METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 37-98.